

A dimensão cultural da literatura em *Terras e gentes*

Evelina Hoisel
(UFBA)

Ao assumir o impacto do debate que vinha se desenvolvendo nos congressos da Associação Brasileira de Literatura Comparada desde 1990, em Belo Horizonte, a temática proposta para o VI Congresso da Abralic – *Literatura Comparada = Estudos Culturais?* –, realizado em 1998, na cidade de Florianópolis, estampou com bastante evidência os limiares que interligam a Literatura Comparada e outras produções culturais, confirmando uma postura teórico-crítica que pressupõe a interlocução disciplinar, o reconhecimento de vozes emergentes na cena político-cultural, a multiplicidade, a transdisciplinaridade, a releitura das formações identitárias, a revisão de pressupostos firmados pela modernidade estética no campo das Letras.

O VI Congresso representou o ápice de uma tendência que já se apresentava desde o aparecimento da Abralic, mas que se tornou mais sistemática e contínua a partir do V Congresso, em virtude do próprio tema estabelecido para o evento: *Cânones & contextos*. Desde o seu surgimento, no contexto cultural da década de 80, a Abralic impôs aos estudos comparatistas brasileiros uma reflexão bastante fecunda sobre suas perspectivas teóricas e críticas, desviando-se de uma ótica eurocêntrica e fazendo emergirem outros objetos de investigação, como as literaturas latino-americanas. Por sua vez, ao suscitar um questionamento dos cânones literários e artísticos, passa a dar ênfase ao diálogo entre arte e cultura, deslocando o privilégio que sempre se concedeu à arte em detrimento das demais produções culturais.

Ao incorporar tais questões, a Abralic traz para o seu espaço determinadas tendências e transformações que já se anunciavam no cenário brasileiro com os processos de democratização. Esses

processos, já apontados por Silvano Santiago em seu ensaio “Democratização no Brasil – 1979-1981: cultura versus arte” (SANTIA-GO, 1988), traçam os contornos do cenário no qual situa-se a Abralic quando foi fundada, em 1984, e passam a delinear determinadas marcas de sua atuação ao longo de vinte e um anos de existência¹.

Pode-se então verificar em que medida o debate que vinha sendo travado no âmbito da Associação, desde o seu aparecimento, no sentido de preservar o espaço dos estudos especificamente literários contra a prevalência da dimensão cultural, está patente na realização do VII Congresso. Na Abralic, este debate manifesta-se com mais contundência a partir da defesa da manutenção de um espaço disciplinar fechado para os estudos literários, empreendida por fração dos professores e pesquisadores associados, e ganhou grande visibilidade através do ensaio de Leyla Perrone-Moisés, intitulado “Que fim levou a crítica literária?”, publicado no caderno “Mais!”, da *Folha de S. Paulo*, em 25 de agosto de 1996, logo após o encerramento do V Congresso, no Rio de Janeiro.

Este debate pode ser flagrado de diversas maneiras. Inicialmente, através do mapeamento dos números da *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, como um dos espaços para o questionamento das segmentações disciplinares instituídas no campo dos estudos literários em geral – teoria, literatura brasileira, literaturas estrangeiras, historiografia literária –, e não da literatura comparada em particular. Uma outra maneira de acompanhar este debate é através dos artigos que trazem para o espaço dos estudos literários elementos da esfera cultural que põem em questão noções como as de cânone e de literariedade. Finalmente, em um terceiro momento, o debate aparece de maneira explícita e coincide com a aproximação entre a Literatura Comparada e os Estudos Culturais, circulando de maneira estampada nos textos de Eneida Maria de Souza e de Wander Melo Miranda, publicados no quarto número da *Revista*².

Interessa-nos aqui verificar em que medida este debate aparece na cena do VII Congresso Internacional da Abralic, realizado em Salvador, Bahia, no ano 2000, e tomamos como pretexto para refletir sobre esta problemática uma matéria jornalística que afirma que “o evento apresenta lista de temáticas semelhante a um encontro de Ciências Humanas, com um total de 900 trabalhos inscritos.

¹ Esta contextualização é efetuada por Íris Hoisel na sua dissertação de mestrado *Cenas indisciplinadas: vertentes do pensamento crítico contemporâneo na Abralic*, que trata do debate disciplinar na Associação, focalizando a diversidade de abordagens, objetos e horizontes teóricos abrigados sob a rubrica de Literatura Comparada.

² HOISEL, Íris de Carvalho Sá. *Cenas indisciplinadas: vertentes do pensamento crítico contemporâneo na Abralic*. 2003. 2004. 115 f. Dissertação. (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

³ MACIEL, Nahima. Diferentes modos de comparar. *Correio Brasiliense*. Brasília, jul. 2000. Pensar.

Literatura, embora no título do Congresso, é quase disciplina co-adjuvante”³.

É sintomático que a Abralic tenha realizado seu VII Congresso Internacional na cidade de Salvador–Bahia, no ano 2000. Sob a denominação de *Terras e gentes*, a proposta do evento elegia como temática um campo de forças múltiplas e contemporâneas, assim distribuídas: 1. poder, colônia, identidade nacional, transnacionalidade; 2. viagem, diásporas, migrações; 3. etnia, gênero, classe; 4. memória e rituais; 5. literatura, mídia e identidades. Por ser a Bahia reconhecidamente um solo fértil para vicejar o apreço pela diversidade e pela pluralidade, o planejamento do VII Congresso não ignorou também o contexto temporal no qual o evento aconteceria, considerando principalmente que o ano 2000 foi caracterizado como o ano das “comemorações” dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil. Espaço e tempo portanto bastante propícios para uma reavaliação histórica e cultural do país e para uma redefinição dos conceitos de identidade e de nacionalidade, tão presentes na nossa literatura. Esta perspectiva foi assumida pelo VII Congresso, ao propor na sua estruturação os diversos fios temáticos já referidos, e trazendo para o seu espaço, como conferencistas, renomados especialistas nacionais e internacionais sobre multiculturalismo, identidade negra, crítica pós-colonial.

De um lado, o título *Terras e gentes* procurava traduzir uma pluralidade de questões que confirmavam a vertente cultural que já se anunciara nos congressos anteriores e cujos impasses e questionamentos foram expostos pelo Congresso de Florianópolis – *Literatura Comparada = Estudos Culturais*? Por outro lado, *Terras e gentes* estampava uma desierarquização que se estabelecia entre os termos arte e cultura, assumindo explicitamente uma perspectiva antropológica que ultrapassou os limites dos debates acadêmicos e disciplinares, incorporando-se à própria estrutura da programação do VII Congresso Internacional da Abralic, que contou com a participação de especialistas e pesquisadores das mais variadas procedências disciplinares, geográficas e institucionais.

Ao lado disto, também foi deliberação dos organizadores daquela edição do grande encontro da Abralic deslocar as apresentações e as discussões dos limites estritos da disputa disciplinar – que já havia se desdobrado com ênfase e sofisticação no congresso ante-

rior. Pretendia-se abrir o espaço da Associação para a emergência das novas focalizações, assegurando, paralelamente, a expressão da tradição consolidada, embora em crise.

O *layout* do cartaz de divulgação, reproduzido na capa do livro de resumos e, posteriormente, na capa do CD-ROM dos Anais, reforçava e difundia iconicamente a temática de *Terras e gentes*, onde a figura de uma negra africana, recortada de uma pintura de Rugendas – *Negro e negra da Bahia* –, invoca a referência histórica e escravista das contemporâneas e sugestivas imagens da baiana hoje consagrada, com um torso na cabeça, colares, roupa exótica, com expressão fisionômica enigmática, na qual se lê simultaneamente perplexidade, desalento, quase ironia. Esta figura superposta a um mapa antigo, com traçados tênues na sua cartografia, dialoga com a imagem de duas crianças descalças e seminuas, andando abraçadas, sem trajetória definida, sobre um mapa cujas fronteiras não estão nitidamente delineadas e nem demarcadas. Ressalte-se ainda que o desejo de integrar o evento aos signos da baianidade e aos elementos da afro-descendência e da etnicidade – marca histórica e cultural bastante forte no cenário da Bahia – efetivou-se através do espetáculo de abertura do Congresso, realizado no Museu de Arte Sacra, com a participação do grupo afro Ilê Aiyê, amplificado através de outras exposições culturais, como a das fotografias do antropólogo Pierre Verger e a projeção do filme de Sylvio Back, *Cruz e Sousa: o poeta do desterro*.

No espetáculo de abertura, o contraste entre o espaço sagrado e colonial do Museu e da Igreja de Santa Tereza e o ritmo acelerado da dança e da música africanas, associadas à beleza física dos integrantes do Ilê, realçada pela sofisticada tecnologia cênica, dialogava com a antiga edificação barroca do museu, de onde se descortina a Baía de Todos os Santos, lançando estrategicamente os congressistas no contexto histórico e cultural – belo e tenso – no qual se desenrolariam os debates multidisciplinares sobre *Terras e gentes*: hibridismo cultural, revisitação do passado pelo presente, migrações espaciais e temporais, trânsitos disciplinares. O descortinar da paisagem marítima onde aportaram os primeiros colonizadores quando chegaram à Bahia, contemplada pelo olhar dos congressistas durante a celebração da festa de abertura, misturava-se com outros ingredientes da cultura afro, como o acarajé, servido aos participantes

durante o espetáculo do Ilê Aiyê, estampando-se assim evidências fortes da diáspora africana no Brasil e, particularmente, na Bahia.

É importante esclarecer que o Ilê Aiyê é um bloco carnavalesco com mais de trinta anos de atuação, inspirado em antigas tradições africanas e organizado em torno de um projeto cultural que envolve festas, danças, músicas, educação, tendo uma forte dimensão sociopolítica no cenário baiano pela sua luta contra a discriminação e o racismo. Nesse sentido, não admite a participação de brancos ou mesmo mulatos em seu bloco. Este gesto, bastante polêmico, e até considerado por muitos baianos como racista, tem uma repercussão política bastante contundente, e pode ser lido como uma estratégia de reversão e desconstrução do movimento de exclusão dos negros. Exclusão que se ampliava através dos próprios blocos de carnaval, vez que, no início da sua história na Bahia – reivindicação da classe média branca e mestiça –, os negros não eram admitidos. Somente na década de 40, com o aparecimento do bloco afro Filhos de Gandhi, os negros passam a desfilar nas ruas de Salvador em blocos carnavalescos.

Desse modo, a inserção do Ilê Aiyê na abertura do VII Congresso efetuou-se no sentido de trazer para o espaço acadêmico uma manifestação popular com ampla repercussão cultural e sociopolítica no cenário local e internacional, estabelecendo assim um trânsito entre diferentes forças culturais emergentes ou sedimentadas pela tradição.

A cidade de Salvador, enquanto terra da hospitalidade, da pluralidade cultural, da multiplicidade étnica, representa o marco do início de um processo de colonização civilizacional que envolve diversas raças e culturas, e para o qual o ano 2000 significou um importante momento de reflexão histórica, no sentido de promover a redefinição e o remapeamento de uma memória cultural que passa por diversos tempos, espaços, terras e gentes. Foi, por isso mesmo, o cenário que a comissão organizadora do VII Congresso procurou expor em seus diversos planos e perspectivas, integrando a cidade enquanto cena cultural, étnica e histórica aos temas propostos para discussão durante as sessões científicas. Eneida Leal Cunha, em declaração publicada no caderno “Folha da Bahia”, do jornal *Correio da Bahia*, no dia da abertura do evento, explicita este viés, afirmando uma “cumplicidade entre a temática do congresso e a cidade de Salvador”. Como vice-presidente da Abralic e integrante da comis-

são organizadora do *Terras e gentes*, Eneida Leal Cunha esclarece ainda que, no contexto dos 500 anos, a abordagem “étnico-racial não poderia ser diferente aqui em Salvador”.⁴

Neste sentido, a festa de encerramento do VII Congresso, realizada na Praça Tereza Batista, no centro histórico do Pelourinho, inseriu mais uma vez os participantes do evento em outro importante território da nossa memória cultural, difundido internacionalmente como espaço turístico e emblemático da Bahia Antiga e Centro Histórico de Salvador. Contudo, no passado, o Pelourinho foi o lugar onde os escravos eram castigados e, desde essa época, ele tem sido palco de atuantes e divergentes forças políticas, sociais e econômicas, que não desapareceram mesmo depois da sua reconstrução arquitetônica ter suscitado uma mudança de seu papel: de centro boêmio contestador e marginal, exaltado por Jorge Amado, o Pelourinho é promovido a centro cultural da cidade e, como tal, centro turístico que se edifica a partir de um processo de recalque e apagamento de uma história.

As marcas que definem o Pelourinho como lugar de castigo e de tortura dos escravos têm sido apagadas e estrategicamente obliteradas pela indústria turística que sustenta a sua produção e montagem como importante cenário econômico e financeiro da cidade. Aliás, o registro desse apagamento é logo percebido e denunciado por Paul Gilroy, um dos conferencistas do evento, em entrevista concedida ao *Correio da Bahia* em 8 de agosto de 2000, quando declara estranhar que a palavra escravidão jamais seja mencionada no material turístico que se recebe como visitante da cidade de Salvador–Bahia. Alerta Paul Gilroy que a “incapacidade de falar a palavra escravidão não é bom sintoma”.⁵ Em outra matéria, Gilroy volta a denunciar também “as reservas que têm os negros brasileiros de falar sobre a escravidão”, e pontuando que “as referências sobre a África dizem respeito a algo que não existe mais”.⁶

A importância da perspectiva assumidamente cultural do VII Congresso Internacional da Abralic é confirmada por Silvano Santiago, presidente da Associação no biênio 1990 a 1992, e convidado para proferir uma das duas conferências de abertura de *Terras e gentes*. Na entrevista que concedeu ao jornal *A Tarde*, intitulada “Contra a ditadura do cânone”, Silvano Santiago afirma que no âmbito da cultura brasileira – e, assim, no âmbito da própria Abralic – inaugura-se o diálogo entre literatura e cultura no sentido antropológico

⁴ COLLING, Leandro. Encontro de notáveis. *Correio da Bahia*, Salvador, 25 jul. 2000. Folha da Bahia, Caderno 2, p. 7.

⁵ COLLING, Leandro. Paul Gilroy: Fui ao banheiro da UFBA e vi a suástica na parede. *Correio da Bahia*, Salvador, 8 ago. 2000. Folha da Bahia, Caderno 2, p. 8.

⁶ LIMA, Neyse Cunha. Sociedade da tradução. *Gazeta Mercantil*, Brasília, 4-6 ago. 2000. Fim de Semana.

⁷ RIBEIRO, Carlos. Silviano Santiago: Contra a ditadura do cânone. *A Tarde*, Salvador, 20 jul. 2000. Caderno 2.

do termo. Ao ser indagado sobre a importância do VII Congresso, destaca como “o título *Terras e gentes* traduz não só a questão do cosmopolitismo e do nacionalismo, do universal e do particular, como também a necessidade de encarar sem medo as grandes questões humanas do nosso tempo”⁷.

Trata-se, portanto, de explorar a dimensão cultural da literatura, a qual só poderá se efetivar no momento em que se trazer à tona o que está recalcado. Caso contrário, não haverá diálogo, como alerta Silviano Santiago, apontando, logo em seguida, para a necessidade do questionamento da idéia de cânone literário, uma vez que o cânone é “todo-poderoso e ditatorial”. Se a palavra gente é um coletivo e já denota um sentido plural, ao aparecer no título do Congresso com a partícula indicadora de número – *gentes* – procura dar conta das diversas expressões culturais que não formam um conjunto unitário reconhecido pelas instâncias autorizadas, como a ditadura do cânone. Afirma Silviano que

“A questão é não colocar a estética de Joyce como ditatorial. Ele é um maravilhoso romancista, mas o que eu faço com os que não são Joyce? Por exemplo, com a literatura das mulheres, dos negros, dos indígenas, e as minorias sexuais? Essas expressões artísticas deveriam ficar para sempre no limbo da história? Ou devemos resgatá-las”⁸?

⁸ RIBEIRO, Carlos. Silviano Santiago: Contra a ditadura do cânone. *A Tarde*, Salvador, 20 jul. 2000. Caderno 2.

Ratificando esse viés antropológico, a conferência pronunciada por Silviano Santiago na abertura de *Terras e gentes*, na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, no dia 25 de julho de 2000, tratou do modo como um etnógrafo, Claude Lévi-Strauss, desenvolveu o tema da viagem transatlântica – da Europa ao Brasil – e doméstica – de São Paulo à Amazônia –, considerando os seus equívocos e os seus acertos na interpretação do Brasil. Na sua leitura, destacam-se as armadilhas da diferença nas quais pode cair o antropólogo que, mesmo alerta, termina incorrendo em preconceitos, não se libertando, no contato com o outro e com a diferença, de seu eurocêntrico quadro de referência.

Ampliando ainda mais esta problemática antropológica, vale ainda ressaltar que uma das programações culturais de *Terras e gentes* foi a exposição fotográfica de Pierre Verger, realizada no casarão antigo onde funciona o Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, situado na parte antiga da cidade de Salvador. Se para Pierre

Verger as viagens constituem uma reserva de *souvenirs* visuais, a cidade de Salvador foi para ele uma imensa reserva de imagens, rostos, corpos, gentes – figuras que compõem a sua vasta produção, primordialmente os seus *Retratos da Bahia* – expressões que ele captou com a sua Rolleiflex e que tão bem registram iconicamente as questões diaspóricas tratadas em seus livros, com o objetivo de desvelar o fluxo e o refluxo do tráfico dos escravos. Tráfico que Pierre Verger estudou minuciosamente através de suas pesquisas, repensando as relações Brasil-África em seus diversos meandros, mas elegendo as imagens corporais como forma de registrar a cordialidade baiana e de representar a sensualidade que ele percebia nos negros que encontrou nos bairros populares de Salvador e que fizeram com que mergulhasse, através do olhar, nas diferenças culturais.

Diferenças que não são apenas étnicas e religiosas – uma das constantes preocupações de Verger é o culto dos orixás e voduns –, mas que passam também pelo crivo das relações homoeróticas tal a libido que se manifesta através do olhar que capta a beleza dos diversos rostos masculinos, figuras vivas do desejo. Este aspecto tem sido observado e considerado pelos críticos da produção fotográfica de Pierre Verger ao estudarem a galeria de tipos e a multiplicidade de registros da presença masculina em sua obra. Dessa maneira, a exposição fotográfica do antropólogo foi mais um fio a tecer o cenário de *Terras e gentes*, integrando-se plenamente às atividades científicas e à temática do evento, retomando-se ainda por esse viés alguns dos estereótipos da baianidade – cordialidade, sensualidade, negritude – que a organização do evento pretendia expor e, simultaneamente, desconstruir.

O jornal *Gazeta Mercantil*, poucos dias após o término do VII Congresso, divulga uma matéria em página dedicada à Antropologia (sexta-feira, dia 4, e caderno “Fim de Semana”, 5 e 6 de agosto de 2000), intitulada “Sociedade da tradução”, destacando as figuras de Stuart Hall e Paul Gilroy. Abaixo das fotos dos dois especialistas sobre multiculturalismo e diáspora negra, inscreve-se a seguinte rubrica: “teses polêmicas em congresso de literatura”, evidenciando assim o caráter das discussões trazidas à cena de *Terras e gentes*. Na reportagem, são apresentadas sumariamente algumas idéias de dois dos renomados convidados da Abralic, através das quais se pode perceber como, da ótica desses especialistas, o Brasil e a Bahia representam uma reserva de questões identitárias e étnicas que precisam ser pensadas.

Nesta reportagem, Stuart Hall afirma ser o cenário baiano o espaço ideal para se entender o caráter mutante do conceito de identidade cultural, vez que esta jamais se completa, e as culturas nunca são uniformes, ressaltando ainda o modo como as culturas dominadas, desde os primeiros esforços de colonização na Antiguidade, têm deixado indeléveis marcas nos seus invasores. Embora estejam na América mestiça as maiores evidências da dinâmica cultural, a globalização também tem servido para transfigurar o cenário mundial. Na perspectiva atual da globalização, salienta Stuart Hall, observa-se uma inversão do fluxo original – que se efetuava na direção da metrópole para as margens –, uma vez que a grande mobilidade física que caracteriza a cena contemporânea traz a periferia para a metrópole, onde “tudo vai se ‘crioulizando’”.

Ao procedermos à leitura dos demais jornais de Salvador ou do país que deram cobertura à realização de *Terras e gentes*, verificamos que os destaques estão sempre voltados para questões como identidade cultural, etnicidade, diáspora africana e gênero. Foi dessa maneira que os *midia* colocaram em circulação os “diferentes modos de comparar” – título da matéria do *Correio Brasiliense*, caderno Pensar – levando para o espaço público alguns questionamentos e polêmicas que foram travadas no âmbito dos congressos anteriores da Abralic, polêmicas essas assumidas explicitamente pelo congresso da Bahia.

Assim, Stuart Hall, Paul Gilroy, Gayatri Spivak, Robert Young, convidados internacionais, e Silviano Santiago são as principais figuras postas em circulação, através das matérias que colocam em evidência a temática proposta para o *Terras e gentes*, fazendo também alusão ao debate disciplinar, sem contudo se adentrarem em seus diversos meandros. Referenciamos aqui alguns dos principais títulos das matérias: “A Bahia e Hall”, focalizando questões de identidade cultural; “Encontro com notáveis”, destacando a vertente cultural e étnica do VII Congresso e trazendo também depoimento da vice-presidente da Abralic e uma das responsáveis pela organização do evento, Eneida Leal Cunha. Todas estas matérias foram publicadas no *Correio da Bahia/Folha da Bahia*, durante a realização de *Terras e gentes*.

Neste bloco de publicações, está também incluída a entrevista com Silviano Santiago, já citada anteriormente, e publicada no jornal *A Tarde*. Antes do evento, em abril de 2000, o mesmo jornal

Correio da Bahia publicava uma reportagem sobre Stuart Hall intitulada “Papa dos estudos culturais vem a Salvador” e uma entrevista com Liv Sovik, membro da diretoria da Abralic e integrante da comissão organizadora do VII Congresso, que estampava o título “Hall é um intelectual político sem dogmatismo”⁹ (11 de abril de 2000).

A ressonância das vozes inquietas com a efervescência teórico-crítica e cultural que já se anunciara na Abralic em momentos anteriores repercute nos bastidores do VII Congresso e vem a público através de algumas matérias jornalísticas que deram cobertura ao evento, como a do jornalista do *Correio Brasiliense*, caderno Pensar, referida anteriormente. Ainda como uma voz que se insurge contra a proposta cultural do *Terras e gentes*, pode-se destacar a surpreendente entrevista de Affonso Romano de Sant’Anna, publicada no Caderno 2 do jornal *A Tarde*, que considera o VII Congresso como um modismo, uma “cópia americana ingênua”, ignorando o cansaço da despolitização cultural.¹⁰

Apesar das vozes discordantes, *Terras e gentes* adentrou-se em questões que afirmam o diálogo e o entrecruzamento entre estudos literários e estudos culturais, fazendo do espaço limiar e interdisciplinar, já anunciado desde o I Congresso, uma efetiva rede de trocas e de interlocuções que abalam e desconstroem a antiga perspectiva positivista, calcada em um desejo de fixar os saberes através de uma disciplinarização do conhecimento. A própria constituição da Abralic, sempre em trânsito espacial entre as diversas instituições e os territórios geográficos nos quais aporta a cada dois anos, expande-se através dos trânsitos epistêmicos e interdisciplinares, pondo em diálogo as mais diversas formas de saber, fazendo implodir os limites disciplinares.

A partir dessas pontuações, pode-se perceber que o VII Congresso foi montado dentro de um campo de forças que caracterizou a Associação de estudiosos desde a sua criação, em 1986, mas cujos impasses foram sinteticamente explicitados doze anos depois, na pergunta do VI Congresso: *Literatura Comparada = Estudos Culturais?* Ao formular a questão dessa maneira, percebe-se o desejo de equacionar o impasse, de afirmar o múltiplo e a dissolução das fronteiras entre os saberes. Nesse sentido, vale a pena observar a fala com que o presidente da Abralic, Raul Antelo, abriu o evento, afirmando que ele comportava o “puro e o impuro”, não

⁹ COLLING, Leandro. Liv Sovik: Hall é um intelectual político sem dogmatismo. *Correio da Bahia*, Salvador, 11 abr. 2000. Folha da Bahia, p. 5.

¹⁰ RIBEIRO, Carlos. Affonso Romano de Sant’Anna: O Brasil é uma maionese que desandou. *A Tarde*, Salvador, 30 jul. 2004. Caderno 2.

¹¹ ANTELO, Raul. Discurso de abertura. In: CONGRESSO ABRALIC: Literatura Comparada = Estudos Culturais?, 6., 1998, Santa Catarina. *Anais...* Santa Catarina: NELIC, 1999. 1 CD.

se mostrando desconfiado perante a “equação que vincula a literatura comparada aos estudos culturais”¹¹.

É assim que o cenário de Salvador–Bahia, no ano 2000, oferece os ingredientes para que as diversas dimensões da cultura sejam a grande personagem no palco de *Terras e gentes*. Inicialmente, por se tratar de uma estratégia de reversão, não apenas por inverter temporariamente o pólo recalcado para que ele possa vir à tona, conforme nos ensinaram Friedrich Nietzsche e Jacques Derrida, mas, especialmente, pelo convite e estímulo à emergência dos muitos avessos recalcados. Se o VII Congresso privilegiou a vertente cultural, foi como uma estratégia de reversão das classificações instituídas e como um apelo político, intelectual e acadêmico ao resgate e à dignificação de uma memória/história recalcada que precisa vir à tona em suas múltiplas manifestações.

